

Estudos

Interdisciplinares sobre
Gênero e Feminismo

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)



Atena
Editora

Ano 2019

Estudos

Interdisciplinares sobre
Gênero e Feminismo

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)



Atena
Editora

Ano 2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Lorena Prestes
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobom – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E82	<p>Estudos interdisciplinares sobre gênero e feminismo 1 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Estudos Interdisciplinares sobre Gênero e Feminismo; v. 1)</p> <p>Formato: PDF Requisito de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-789-5 DOI 10.22533/at.ed.895191911</p> <p>1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.</p> <p style="text-align: right;">CDD 306.7</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Feminista... é fazer aquilo que diziam que eu não podia fazer; aquilo que diziam que só o homem pode fazer, eu como mulher também posso fazer. Feminista, acima de tudo é quebrar barreira, é mostrar que a gente pode fazer o trabalho independente do homem, não necessariamente que tenha um do lado. (Ajurimar Bentes – integrante do Grupo de Mulheres Guerreiras Sem Teto, do Movimento dos Sem Teto de Salvador, 2010)

A interdisciplinaridade é uma alternativa em relação ao conhecimento compartimentado em disciplinas e ao discurso de autores contemporâneos que, se por um lado têm representado avanços em algumas discussões específicas, por outro, fica a dever na abordagem científica e na problematização de temas que devem ser considerados em sua complexidade e que ultrapassam o âmbito teórico e metodológico de uma única disciplina. A reflexão interdisciplinar, métodos de uma área para outra, o que possibilita a geração de novos conhecimentos e profissionais com fundamentação sólida e integradora.

A construção das identidades culturais e de gênero na sociedade contemporânea, cujas transformações especialmente a chamada globalização, “acirrada” desde a década de 70 são objeto de reflexão da teoria social. A partir da compressão do tempo-espço, da globalização da economia e da informação, a construção das identidades ganha novos contornos e necessita ser discutida. As travestis, transformistas, drag-queens e transexuais os transgêneros refletem as constituições de identidade e de gênero.

A sociedade contemporânea tem sido objeto de várias discussões na teoria social, particularmente suas transformações a partir da década de 70. Nessas discussões são várias as denominações para este processo, como pós-modernidade, modernidade tardia, modernidade reflexiva. Esses rótulos, entretanto, não são o que mais importa, mas sim as modificações intensas e contundentes na contemporaneidade e, acredito, vale a pena refletir sobre alguns aspectos dessa mudança.

Antes de tratar especificamente da questão da identidade na sociedade contemporânea, parece-me importante inserir na discussão alguns autores que refletem sobre o próprio cenário contemporâneo embutindo nessa discussão, de forma mais ou menos explícita, a questão das identidades. Como se dá a construção e reconstrução das identidades em um cenário fragmentado, permeado estética e informacionalmente pela mídia, por imagens sobrepostas, por informações sobrepostas, redes, fluxos, riscos e incertezas.

Hall afirma ainda que um aspecto importante relacionado à questão da identidade estaria ligado às transformações na alta modernidade, especialmente a globalização. As mudanças de tempo e espaço, as fragmentações dentro da própria modernidade e a ruptura com antigas tradições, a diferença como característica fundamental, enfim,

processos de descontinuidade, fragmentação, ruptura, deslocação, características da alta modernidade, contribuiriam sobremaneira para a transformação das identidades, que se tornariam fragmentadas e plurais. “Quanto mais a vida social torna-se mediada pelo marketing global de estilos, lugares e imagens, pelos trânsitos internacionais, por imagens de mídia e sistemas de comunicações em redes globais, mais as identidades tornam-se destacáveis - desconectadas - de tempos, lugares, histórias e tradições específicas, parecendo estar ‘à deriva’. Somos confrontados por uma série de diferentes identidades, cada uma delas nos atraindo, ou antes atraindo diferentes partes de nós, a partir das quais parece possível fazer escolhas.” (Hall, 1995: 57). Não é possível, então, pensar as identidades de forma deslocada do contexto, da experiência concreta. Na sociedade contemporânea parece ser difícil pensar no desejo de uma “unidade”. A globalização, assim, antes de estar vinculada a uma totalidade transcendente, permitiria uma proliferação de fragmentos. Ou seja, o local como parte integrante do mundo. Paisagens reais e virtuais que, de algum modo, se oferecem ao olhar de maneira parcial, mas ao mesmo tempo, como parte de um todo.

Na construção de uma perspectiva interdisciplinar, tão necessária para se dar conta dos processos multidimensionais, usar o conceito de gênero, a reprodução das ideologias e relações de gênero a partir das seguintes dimensões a) a dimensão simbólica, referente aos modelos e tipos ideais sobre masculino e feminino; b) a dimensão normativa, que diz respeito a tradução desse mundo simbólico em normas e valores c) a dimensão institucional, pertinente as instituições sociais – tais como, família, escola, estado, igreja, mídia, mercado, dentre outras – responsáveis pela disseminação dessas normas e valores; e d) a dimensão subjetiva, que diz respeito ao processo de interiorização desses valores e comportamentos correspondentes. Outro marco fundamental é *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir, publicado em 1949. A sentença mais utilizada é a notória “Não se nasce mulher, torna-se”.

Não basta a simples “transmissão de conhecimentos” teóricos provenientes dos estudos interdisciplinares de gênero e sexualidade na superação de preconceitos e discriminações na escola. É necessário ir além, abrir espaços no interior das instituições escolares para se problematizar os sentimentos, as resistências e os preconceitos que cercam esta temática.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
“E EU NÃO SOU UMA MULHER?”: FRAGMENTOS DE UM DISCURSO FEMINISTA ANTIMANICOMIAL OU SOBRE A NECESSÁRIA GARANTIA DE LUGAR DE FALA E ESCUTA À MULHER LOUCA	
Priscila Coimbra Rocha Clarice Moreira Portugal Caliandra Machado Pinheiro	
DOI 10.22533/at.ed.8951919111	
CAPÍTULO 2	12
A FORÇA DAS CONSTRUÇÕES SOCIAIS NA VIVÊNCIA DO MÉTODO CANGURU	
Joise Magarão Queiroz Silva Mariza Silva Almeida Edméia de Almeida Cardoso Coellho Talita Batista Lefundes Kelly Cruz Pimentel Sampaio Liliane de Souza Cruz	
DOI 10.22533/at.ed.8951919112	
CAPÍTULO 3	22
A PARTICIPAÇÃO FEMININA NAS FORÇAS MILITARES ESTADUAIS: UM OLHAR SOBRE O PERCENTUAL PARA INGRESSO DE MULHERES NAS POLÍCIAS MILITARES À LUZ DO DIREITO FUNDAMENTAL DA IGUALDADE	
Isabel Gomes de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.8951919113	
CAPÍTULO 4	35
A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO DAS MULHERES NA AGROECOLOGIA EM ALAGOAS	
Samara Farias dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.8951919114	
CAPÍTULO 5	47
A REPRESENTAÇÃO DA FIGURA FEMININA VÍTIMA DE VIOLÊNCIA NO <i>ESTADÃO</i> : O CASO DE AMANDA BUENO	
Luíza Buzzacaro Barcellos Janie Kiszewski Pacheco	
DOI 10.22533/at.ed.8951919115	
CAPÍTULO 6	58
ASSISTÊNCIA DA ENFERMAGEM OBSTÉTRICA E SEU VALOR NO RESGATE DA AUTONOMIA E EMPODERAMENTO	
Joise Magarão Queiroz Silva Talita Batista Lefundes Kelly Cruz Pimentel Sampaio Írbia Fernandes de Medeiros Letícia da Silva Cabral Cleuma Sueli Santos Suto	
DOI 10.22533/at.ed.8951919116	

CAPÍTULO 7	65
AS MEDIDAS PROTETIVAS MAIS APLICADAS EM CASOS ENVOLVENDO A LEI MARIA DA PENHA EM ORLEANS-SC	
Alessandra Knoll	
Felipe Basso Silva	
Gabriel Bittencourt de Aguiar	
DOI 10.22533/at.ed.8951919117	
CAPÍTULO 8	78
DE LEGGINGS À LUTA: A CONSTITUIÇÃO DO COLETIVO FEMINISTA MARIA BADERNA NO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA BAHIA – IFBA	
Taise de Jesus Chates	
Mirela Santiago Santos	
Rafael Bomfim Souza	
DOI 10.22533/at.ed.8951919118	
CAPÍTULO 9	87
AS MULHERES DE CLARICE: UMA ANÁLISE FEMINISTA DOS CONTOS “A FUGA” E “RUÍDO DE PASSOS”	
Thainá Oliveira Chemelo	
Anna Marcella Mendes Garcia	
DOI 10.22533/at.ed.8951919119	
CAPÍTULO 10	100
DIVERSIDADE DE GÊNERO E POLÍTICAS AFIRMATIVAS	
Jorge Adrihan do Nascimento de Moraes	
Valdenora Souza Mota	
Dayane Rainha da Silva	
Maria Madalena Pontes Melo	
DOI 10.22533/at.ed.8951919110	
CAPÍTULO 11	111
PRINCESAS NA <i>TIMELINE</i> : A REPRESENTAÇÃO DE GÊNERO DAS PRINCESAS DISNEY NA INTERNET	
Ana Carolina Rocha Lisita	
Patrícia Quitero Rosenzweig	
Rosa Maria Berardo	
DOI 10.22533/at.ed.8951919111	
CAPÍTULO 12	124
DIÁLOGOS CONJUGAIS DESENCONTRADOS EM <i>O SILÊNCIO</i> (1981), DA PORTUGUESA TEOLINDA GERSÃO (1940)	
Denise Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.8951919112	
CAPÍTULO 13	136
ERVAS MEDICINAIS: SABER E PRÁTICA NO FAZER FEMININO	
Daniela Bento Alexandre	
DOI 10.22533/at.ed.8951919113	

CAPÍTULO 14	146
EXPERIÊNCIAS EDUCACIONAIS NÃO ESCOLARES: UMA ANÁLISE A PARTIR DA CONCEPÇÃO DAS MULHERES DEPENDENTES QUÍMICAS	
Ana Tereza Bernardo Ribeiro de Jesus Suzana Alves Nogueira Larissa da Conceição Alves	
DOI 10.22533/at.ed.89519191114	
CAPÍTULO 15	150
A INSERÇÃO DAS MULHERES NO DESENVOLVIMENTO REGIONAL NORDESTINO ATRAVÉS DE DINÂMICAS ECONÔMICAS COLABORATIVAS	
Sunamita Iris Rodrigues Borges da Costa Assíria Marielle da Silva Dantas Azilis Camille Pierrel Laísa Maria da Silva Souza	
DOI 10.22533/at.ed.89519191115	
CAPÍTULO 16	163
LAERTE-SE: A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE ALÉM DO GÊNERO	
Juliana Maria Duarte Marques	
DOI 10.22533/at.ed.89519191116	
CAPÍTULO 17	175
EXPRESSÕES ATIVISTAS DO POLIAMOR E DESBANQUE DE PRIVILÉGIOS MASCULINOS: ENFRENTAMENTO PELA PSICOLOGIA POSITIVA E RECURSO TÉCNICO DA RESILIÊNCIA	
Maria Juivalda Barbosa Izaura Maria Carvalho da Graça Furtado	
DOI 10.22533/at.ed.89519191117	
CAPÍTULO 18	186
MULHER PRETA E A INTELLECTUALIDADE “ A SÍNDROME DA NEGA METIDA”	
Thalita Santos Reis Luduvico	
DOI 10.22533/at.ed.89519191118	
CAPÍTULO 19	195
MOVIMENTO CAPOEIRA MULHER – MANDINGAS, MALÍCIAS, SABERES ANCESTRAIS E FEMINISMO NA RODA	
Maria Zeneide Gomes da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.89519191119	
CAPÍTULO 20	209
MULHERES AMAZÔNIDAS E SUA RELAÇÃO COM EMPRESAS DE BIOCOSMÉTICOS: ENTRE NOVAS RURALIDADES E VELHAS CONCEPÇÕES DE GÊNERO	
Ruth Helena Cristo Almeida Carolina da Silva Gonçalves	
DOI 10.22533/at.ed.89519191120	

CAPÍTULO 21	217
O DESAFIO DAS PESCADORAS DE AÇUDE DO TERRITÓRIO DOS INHAMUNS CRATEÚS. IDENTIDADE, TRABALHO E RECONHECIMENTO	
Viviana Pittalis Anita Dias	
DOI 10.22533/at.ed.89519191121	
SOBRE A ORGANIZADORA	227
ÍNDICE REMISSIVO	228

MOVIMENTO CAPOEIRA MULHER – MANDINGAS, MALÍCIAS, SABERES ANCESTRAIS E FEMINISMO NA RODA

Maria Zeneide Gomes da Silva

Secretaria de Estado de Educação do Pará-
SEDUC

RESUMO: A finalidade desta comunicação oral, visa de tecer reflexões a partir do feminismo das mulheres capoeiristas contra opressão nas rodas de capoeira na grande Belém. O lócus de pesquisa é o Movimento Capoeira Mulher, coletivo social de mulheres capoeiristas oriundas de vários grupos/associações em atuação na referida cidade. E neste cenário, que enquanto intelectual negra, com engajamento político e acadêmico na luta antirracista e anti machista, articular minhas vivências empíricas e científicas em parceria com o movimento dar visibilidade as subjetividades e desigualdades, silenciamentos, omissões e protagonismo e os saberes ancestrais da capoeira, foram utilizados para construção de suas identidades. Tendo como procedimentos metodológicos da pesquisa, a pesquisa participante e observação etnográfica tradicional e digital. Considerando o ethos da capoeira no processo de análise, pois fazem parte do universo cultural e simbólico do cotidiano dos sujeitos investigados enquanto elementos para repensar valores culturais e educacionais hegemônicos, que sedimentam o sexismo, machismo na sociedade. Os resultados percebidos apontam para tomada de

consciência política das mulheres capoeiristas e para o papel dinamizador das rodas de capoeira, como para o fomento da capoeira como expressão cultural afro-brasileira que acolhe e promove identidades sociais, crenças e valores, na perspectiva de repensar outras epistemologias para a educação e a Práxis feminista capoeira na Amazônia Paraense.

PALAVRAS-CHAVE: Roda Capoeira; Mulher Capoeirista. Resistência. Educação contra hegemônica.

CAPOEIRA WOMAN MOVIMENT– MANDING, MALICE, ANCESTRAL KNOWELEDGE AND FEMINISM AT THE WHEEL

ABSTRACT: The purpose of this oral communication is to reflect upon the feminism of capoeira women against the oppression of capoeira wheels in greater Belém. The research locus is the Capoeira Mulher Movement, a social collective of capoeira women from various groups / associations in action. in that city. And in this scenario, as a black intellectual, with political and academic engagement in the anti-racist and anti-macho struggle, articulate my empirical and scientific experiences in partnership with the movement to give visibility to the subjectivities and inequalities, silences, omissions and protagonism and the

ancestral knowledge of capoeira. , were used to construct their identities. Having as methodological procedures of the research, the participant research and traditional and digital ethnographic observation. Considering the ethos of capoeira in the process of analysis, as they are part of the cultural and symbolic universe of everyday life of the subjects investigated as elements to rethink hegemonic cultural and educational values that sediment sexism, machismo in society. The perceived results point to the political awareness of capoeiristas women and to the dynamic role of capoeira wheels, as for the promotion of capoeira as an afro-brazilian cultural expression that welcomes and promotes social identities, beliefs and values, in the perspective of rethinking others. epistemologies for education and capoeira feminist praxis in the Paraense Amazon.

KEYWORDS: Capoeira Wheel; Capoeirista Woman. Resistance. Education against hegemonic.

lêeeeeeeeeeeee!

Vou contar uma história / falar de mulher guerreira/Mulher negra quilombola/A mulher na capoeira/Fala de Acotirene /Do seu grito que ecoou /Era a mãe do quilombo/Palmares ela lutou/Luisa que é mulher negra /Gege e nagô da Bahia/Nos males e sabinada/Lutou em ninguém sabia/Ainda na velha Bahia/Falar de Janja e Felipa /Mulheres fortes guerreiras/Capoeira destemidas/ E chegando no Pará/Terra de Silvia Leão/Ela é Mestra Pé de Anjo/Mora no meu coração/Na angola ou regional /Ela mostrou o seu valor/E pra jogar lá no céu/Nosso senhor já lhe chamou,/Camaradinha.../Iê viva meu Deus!/Iê viva meu Deus, camará. (MARGARIDA, canto gravado em vídeo, em 04/05/2018)

Com um longo “lêeeeeee!” do canto texto de Margarida, saúdo, peço licença para iniciar esse trabalho que versa sobre capoeira, tal como a tradição das rodas de capoeira, inicia cantando a ladainha saudando, louvando, homenageando e pedindo proteção em cada roda que se inicia, herança ancestral da diáspora africanas no Brasil.

O texto da epígrafe é de autoria da capoeirista Jennifer Santos, na capoeira seu apelido é Margarida do Grupo Raízes do Brasil, núcleo de Macapá-AP. Margarida é uma das militantes do MOVIMENTO CAPOEIRA MULHER – MCM, ativamente desde a criação deste movimento social de mulheres capoeiristas em Belém do Pará. Quando me repassou pela primeira vez ainda se encontrava em construção, Ao falar sobre a inspiração para compor: “Eu peguei aquela memória de mulheres negras e tentei trazer para a música. Pouco se fala de mulheres de forma positiva na capoeira, por isso pensei que falar um pouquinho de cada seria diferente e não tinha como não terminar falando da Silvia, ainda vou ver se coloco a Jerônima, que ouvi falar muito dela”. (MARGARIDA, 04/05/2018). Adiante falaremos sobre estas duas mulheres citadas.

Falar de forma positiva sobre as mulheres capoeiristas implica refletir sobre a forma hierárquica e as relações de poder que permeiam a prática da capoeira considerando os referencias civilizatórios afro brasileiro que lhe deram origem. A

roda de capoeira é um espaço de apropriação, consciente ou não, do legado milenar de criação do povo negro, que são revividos a cada roda. No meio da capoeira, não há quem não se refira a ancestralidade, os saberes dos mestres e do Axé de uma boa roda de capoeira.

Mesmo tendo percebido que nem sempre aja domínio teórico sobre a questão étnico racial, mais vivem na prática e sabem que é tradição ao ponto de não conceberem a possibilidade de mudança, mesmo quando é algo que depõe contra a próprios princípios éticos e fundamentos da capoeira, como é o caso das músicas de cunho pejorativo contra a mulher, que seguem sendo cantadas em pleno século XXI, mesmo com todos os avanços e medidas protetivas e punitivas em vigor.

E como nós diz Mestre Ferro do Pé, em uma de suas composições “[...]Falar de saberes é falar de tradição”, e muitos desses saberes e tradições da roda vão desde a forma de organização em forma circular, a oralidade, a musicalidade, os cantos, a ludicidade, a corporeidade, a memória, o comunitarismo, a hierarquia, o poder, a religiosidade, o tão falado axé e ancestralidade entre outros. E segundo Trindade (2006), todos esses elementos são invocados em expressões culturais afro brasileiras, onde passado e presente se encontram e seguem circulando entre todos que estão vinculados a sua prática, prática de capoeira é um exemplo disso.

Diante do exposto, como problematizar uma expressão cultural, considerada um patrimônio histórico e pautado na tradição milenar? E Como a mulher realiza o seu longo grito, lê! Será esse o seu grito de libertação diante de todas as opressões sofridas na roda de capoeira? Para isso é necessário realizar um ato de transgressão da própria tradição da capoeira e que determina o lugar a ser ocupado por ela?

Este é o desafio das mulheres capoeiristas que fazem parte do MCM, que segundo Silva (2017), esta autora que vos fala, as mulheres, sob a inspiração de Dandara, heroína do Quilombo de Palmares e com a ginga feminista de “Pé de Anjo”, apelido de Maria Silvia Santana Leão, também conhecida como Silvia Leão no meio artístico pois era atriz e bailarina citada por Margarida na epigrafe, a idealizadora do MCM que junto com Sininho, Karen, Cristina, Suely, Margarida, Catita, Tsunami e muitas outras mandingueiras parauaras, nasce numa manhã de domingo dia 10 de março de 2002, a Roda das Mulheres Capoeiristas, que com o passar do tempo, se transformou no MCM, tendo como primeiro palco, o anfiteatro da Praça da República em Belém do Pará, para uma plateia formada por muitos capoeiristas e comunidade.

É pertinente refletir a respeito do protagonismo das mulheres do MCM, pois estamos diante de um movimento social que reúne mulheres de diferentes grupos/associações de capoeira em torno da luta por equidade de gênero, pela conscientização e visibilidade da mulher no universo da capoeira em Belém do Pará. Trata-se de um movimento social de mulheres que se auto identificam com orientações sexuais diferenciadas, mulheres lésbicas, bissexuais e heterossexuais e se afirmam como feministas, em meio a todas as situações de opressão que nos deparamos frequentemente nas rodas, que ameaçam a integridade física, a

autonomia das mulheres, o controle de seus corpos de sua sexualidade e da sua liberdade.

Importante enfatizar, que não o MCM não trata-se de grupo de capoeira composto somente por mulheres, também não se referem de forma abrangente, a organização a nível nacional de capoeiristas. Como elas costumam dizer, “somos pioneiras nesta forma de organização e servimos de referências para organização de mulheres em outros Estados.

Estão na militância a quase duas décadas por novas formas de relações de gênero nas rodas e no cotidiano das associações e grupos de capoeira em Belém do Pará. Consideram-se em constante movimento e por isso, aberto para todas as praticantes ou simpatizantes da capoeira, independente de idade ou estilo de capoeira. Sua forma de organização conta com duas coordenações: a Coordenação Fechada composta por mulheres que estão em constante articulação e ao mesmo tempo uma espécie de coordenação do MCM e a Coordenação Aberta, que não é permanente, geralmente acontece ou se fortalece para realização dos eventos ou encontros, ocasiões em que outras mulheres se junta ao MCM ampliando o grupo de trabalho. Geralmente são mulheres que não possuem disponibilidade de tempo para atuação de forma permanente e optam por participar apenas ativamente durante as grandes atividades.

Não possuem, uma sede definida para desenvolver suas atividades e reuniões, sua atuação acontece em diferentes espaços da cidade, tais como praças públicas, a residência das militantes ou a mesa de um bar. A participação do MCM em eventos de grupos e associações de capoeira tem sido cada vez mais requisitada, assim como, também são chamadas a participar em intercâmbios realizados por grupos de outros Estados, em programações governamentais e não governamentais referentes a capoeira ou para tratar sobre a questão gênero nos eventos dos grupos de capoeira. Nestas ocasiões sempre portam camisetas do MCM e a calça com a logomarca de seus grupos de origem.

Porém, é importante destacar sua atuação nas comunidades virtuais em WhatsApp, Facebook criadas por elas interação com as mulheres dos grupos e/ou comunidade da capoeira. Outro campo de atuação significativa das mulheres vem sendo o Comitê Gestor da Salvaguarda Capoeira do Estado do Pará, promovida pelo Superintendência do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional-IPHAN em Belém, onde realizadas reuniões periódicas e encontros regionais em 80 dos 145 municípios que contribuíram para realização do Plano de Salvaguarda Capoeira no Pará. No que tange a representação das mulheres, enquanto titular no Comitê ainda é pequena, apenas 4 (quatro) que adiante citaremos, no entanto, outras mulheres mesmo na condição de suplentes participam ativamente nas reuniões.

É importante destacar, que faço parte do Comitê Gestor como titular representando a Secretária de Estado de Educação do Pará/SEDUC através da Coordenadoria de Educação para Promoção da Igualdade Racial/COPIR para somar

na luta das mulheres e da capoeira. Destaco ainda, que nesta reflexão, trago as vozes das mulheres enquanto principal referência, onde me incluo, com minha atuação e experiências enquanto capoeirista, embora não esteja praticando na atualidade, mas capoeira é uma filosofia de vida e como tal, milito enquanto, pesquisadora de capoeira, professora mestra de formação acadêmica e atuação na resistência política contra as hegemonias dominantes junto ao movimento negro e na educação básica na educação para diversidade étnico racial. Enquanto pesquisadora de capoeira, tendo como produção relevante a dissertação de mestrado, no Programa de Pós Graduação em Educação e Cultura da Universidade Federal do Pará, campus do Tocantins – Cametá na Linha de Pesquisa Educação Cultura e Linguagem, concluído e no ano de 2017, sob o título “Movimento Capoeira Mulher: Saberes Ancestrais e a práxis feminista no século XXI em Belém do Pará”, onde analiso este mesmo MCM ao longo de quinze anos, num período compreendido entre 2002 e 2017. No presente texto, apresento dados de minha pesquisa de dissertação, assim como, desdobramentos ocorridos após a conclusão do curso, sempre privilegiando o protagonismo das mulheres capoeiristas enquanto referência principal.

Espero com isso alcançar os desafios epistemológicos a que me proponho, a refletir sobre a atuação das mulheres capoeiristas na resistências sociais, políticas e pedagógica que as mulheres utilizam para construção de suas identidades em movimentos, como elas afirmam, na periferia urbana da grande Belém ao partilharem uma pratica cultural comum, a capoeira. E como seus saberes e experiências podem contribuir para repensar outras epistemologias para a educação na Amazônia Paraense.

Quanto aos procedimentos metodológicos, adoto a pesquisa participante e observação etnográfica tradicional e virtual. Considerando minha intensa interação com as mulheres, nos grupos de capoeira, no Comitê Gestor de Salvaguarda Capoeira, bem como, nas comunidades virtuais criadas e utilizadas por elas, enquanto espaço de luta e, portanto, um campo importante. Segundo Angrosino (2009) reconhecer os meios virtuais, através da rede mundial de computadores, como poderoso meio das interações sociais neste momento histórico, não apenas enquanto uma ferramenta de pesquisa pela inclusão de computadores, laptops, smartphones e softwares para análise de dados. E uma vez que, nas comunidades virtuais as interações on-line são comuns, considera que pesquisadores podem e devem se libertar do lugar por meio da internet e fazer etnografias *on-line*. Entendendo que é possível observar o que se passa numa sala de bate papos, nas comunidades virtuais, quase da mesma maneira que se pode observar os acontecimentos numa comunidade tradicional. No que tange a temática em foco, certamente considerando o *ethos* da capoeira e da cultura afro brasileira, onde estão sedimentados seus princípios.

Diante do exposto a referência teórico utilizada vem numa perspectiva crítica, entre elas, as autoras feministas negras por entender que o feminismo negro, o que mais se aproxima para analisar o feminismo capoeira. Uma vez que, segundo

Gonzales(1984) ao se referir ao samba e ao carnaval, caracteriza o sexismo, o machismo e racismo contidos nestas expressões culturais, como a sintomática que caracterizar a neurose cultural brasileira que produz efeitos violentos sobretudo sobre a mulher, sobretudo a mulher negra, pondo em cheque o mito da democracia racial.

Nas rodas de capoeira a mulher enfrenta situação similar ou até mais complicada, tal como estão implícitas nas letras de músicas cantada quando uma mulher entra na roda, entre elas cito um trecho de samba de roda cantado na capoeira - “se essa mulher fosse minha eu tirava da roda já, já dava uma surra nela/até ela dizer chega.” e “Oi dendê, oi dendê,/Dendê do aro amarelo/Eu vou dizer a dendê:/Sou homem, não sou mulher”, que mesmo com alterações que alguns grupos fizeram retirando o cunho discriminatório e misógino, ambas seguem sendo cantadas na forma original.

A violência física e sexual contra a mulher é fator preocupante na capoeira, na atualidade já se tornou lugar comum a divulgação de vídeos ou áudios nas redes sociais tida como campo de luta, de denúncia mostrando situações de violência contra a mulher na roda de capoeira em várias partes do mundo. Apesar de todo o empenho de capoeiristas para não divulgação, notadamente os homens, sob justificativa que expõe a capoeira de forma negativa. No entanto, conhecemos de poucos casos de denúncia e punição aos agressores dessas mulheres, que sempre são culpabilizadas pelos atos dos seus companheiros de roda agressores.

ELES RESISTEM A NÓS E NÓS RESISTIMOS A ELES - MOVIMENTO SOCIAL DE MULHERES CAPOEIRISTAS E SUAS ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA

De acordo com o provérbio africano, “Se queres saber o final preste atenção no começo”, seguimos, tecendo reflexões sobre a história das mulheres capoeiristas e suas estratégias de libertação nas rodas de capoeira, na “volta ao mundo”, movimento da roda capoeira quando onde a dupla na roda, caminha no sentido anti-horário para sondar, conhecer, estudar num verdadeiro ritual mandingueiro seguir no jogo, observando como as mulheres se organizaram coletivamente neste jogo que se mantém há quase 18 (dezoito) anos. Da mesma forma, que a filosofia africana contido no *ideograma Adinkra, Sankofa*, representado por uma ave de migração com o pescoço e ori (cabeça) voltada para trás, contemplando o passado como uma possibilidade para compreender o presente, para entender a história, as mandingas, malícias e militância na roda de saberes referendado na cultura africana.

Embora a história da capoeiragem no Estado do Pará é antiga e longa, tanto quanto em outros centros nacionalmente conhecidos, no entanto, trago apenas um breve histórico do envolvidas de mulheres na prática da capoeira e dizer que se tinha mulher, também tinha homem. Dentre tantas histórias, é impossível não começar com Jerônima citada por Margarida na falar sobre o texto da epígrafe, uma vez que

esta é a ancestral mais antiga da história capoeiragem no Pará. É a mulher destemida a quem Soares (1997) se admira e considera como “improvável” ao encontrar uma mulher capoeirista no século XIX e em Belém do Pará, no jornal: *A Constituição*, publicado no dia 21 de novembro de 1876, com a seguinte notícia: “Que mulher Capoeira! As 7 horas da noite, por praças do 4º Batalhão de Artilharia foi hontem presa a cafuza Jeronyma, escrava de Caetano Antonio de Lemos”. Jeronyma, era escravizada e foi presa porque se encontrava na rua com sua capoeiragem.

Segundo Oliveira e Leal (2009), além de Jeronyma, outras mulheres estiveram envolvidas com a capoeiragem, tais como: Maria Meia-Noite, Joana Maluca, Maria Galinha e tantas outras que a história e memória coletiva invisibilizou. Suas histórias vêm das ruas centrais e periféricas, mais especificamente dos espaços considerados boêmios compartilhados com homens na Belém do século XIX, onde eram presas, taxadas de desordeiras, vadias, vagabundas e prostitutas. Um perfil em total antagonismo com os padrões estabelecidos para as mulheres brancas da época.

Estas mulheres, com coragem e valentia reagiam as opressões as quais eram submetidas e enquanto resistiam se tornaram protagonistas da história de seu tempo. Tempo em que segundo Costa e França (2016), o modelo educativo específico para educar as meninas na Amazônia era centrado na ciência e na educação apontada como caminho para combater os “males” da mestiçagem e para alcançar o modelo de civilização almejada.

O grupo social onde estavam localizadas as mulheres envolvidas com a capoeira, escravizadas ou libertas, que viviam em situação de rua, as políticas de educação escolarizada não as incluíam. A educação era um privilégio das elites. Ao Avançar, dando um salto no tempo para o século XX na década de 1980, em função da inexistência de pesquisas sistematizadas sobre a capoeira em um longo período no Pará, onde segundo Silva(2017)) encontraremos mulheres sendo graduadas no Grupo de Capoeira Dandara Bambula, do Serviço Social do Comercio, por Mestre Abil, quando num batizado de capoeira, dentre as 37(trinta e sete) graduações 9 (nove) foram destinadas a mulheres. Que diferentes de suas ancestrais, possuíam formações escolarizadas a nível de educação básica e superior com atuação profissional em diversas áreas. No entanto, ao adentra-se ao século XXI as mulheres capoeiristas, que estavam no mesmo espaço de tempo e formação junto com os homens, na capoeira não avançaram da mesma proporção que os homens, fato que repercute na inexistência de Mestras de capoeira até 2016, formadas no/pelo grupos de capoeira paraense.

E ainda segundo Silva (2017) as mulheres pertencentes a grupos diferentes, praticamente nem se conheciam. No entanto, a existência de casos de violência física, assédios morais e sexuais, e até pedofilia contra as mulheres nos espaços e roda é conhecido, uma das razões para organização das mulheres.

E o ponto alto desta organização, marcado pela criação do MCM, com protagonismo e empoderamento da mulher na capoeira, que resolveram se unir para

enfrentarem os masculinismos tóxicos nas rodas de capoeira ao longo de mais de uma década. E com isso evidenciam que, “A questão continua sendo política. Não podemos esperar uma solução ‘técnica’. Nosso mundo tem de ser recriado a partir do âmbito comunitário” (ACOSTA. 2016, p.26) e as mulheres seguem descolonizando as rodas na prática, segundo Arroyo (2014) com suas presenças fortes marcadas por atos de libertação e de recuperação da humanidade que lhes foi roubada.

As memórias dessas mulheres, expressa em suas falas carregadas de conhecimentos de um passado recente vivido e percebido por elas, são marcadas pela emoção, como o da capoeirista Cristiane Silva, de apelido Sininho que narra o diálogo que teve com a capoeirista Pé de Anjo

Quando tivemos a ideia de fazer? Quando eu e Silvia nos reuníamos, a gente conversava muito sobre a mulher na capoeira, a discriminação, como ela sofria. A gente observava muito nas rodas, nos grupos que a gente conhecia, isso que acontecia com as mulheres. Quando foi um dia ela disse:

– Sininho, já pensou, se a gente consegue fazer uma roda só de mulheres?

Eu disse assim:

– Égua! Seria muito bacana!

Ela disse:

– Égua! A gente pode tentar, mas é uma briga muito feia que a gente vai comprar. (CRISTIANE SININHO, depoimento concedido em 2017)

Segundo a narrativa de Sininho e demais capoeiristas, como Gisele Tsunami não sabiam direito onde iam chegar, mas vivenciaram este momento ímpar para a história da capoeira. O passo seguinte foi compartilhar com a irmã de Pé de Anjo, Cristina Leão, que não é capoeirista, a ideia foi acolhida com entusiasmo e posteriormente apresentaram o projeto a Vereadora Suely Oliveira, apoio de fundamental importância para a implementação do projeto em parceria com a Prefeitura Municipal de Belém-PMB, nos dois primeiros encontros, durante a gestão do Partido dos Trabalhadores-PT. A mediação com o governo foi possível, tanto pela presença entre as ativistas iniciais do movimento que atuavam na militância política no governo, mas sobretudo pela proposta de governo, que favorecia o diálogo entre a gestão municipal e os movimentos sociais implementados na época. No entanto é importante ressaltar que o movimento tinha autonomia, não estando subjugado a gestão municipal, fator importante para sua continuidade.

Assim, sob a liderança de Pé de Anjo, Sininho, Karen foram agregando outras mulheres, tais como, Jennifer apelido Margarida, Érica de apelido Catita e o apoio de Cristina Leão e Vereadora Suely Oliveira, realizam as atividades numa Grande Roda, que segundo os dizeres da capoeira angola se traduz num movimento que extrapola a capoeira atingindo a sociedade, para realização da Roda de Capoeira

composta só por Mulheres e para implementação do MCM.

O MCM, ao longo de sua existência realizou 9 (nove) grandes encontros, que inicialmente eram anuais e com o passar do tempo, foram espaçando os encontros para média dois anos, o que é visto como ato de resistência e de dizer “nós estamos aqui”. No último encontro foi em comemoração aos 15 anos de existência, celebrado em 2017. O evento culminou com almoço, onde as capoeiristas do MCM se encontravam, literalmente “montadas”, ‘todas de mulheres de Cabaré, incorporando personagens de que fomos taxadas durante a nossa vida toda.’ Por que fizeram isso? segundo Gisele Tsunami para denunciar que passaram quinze anos sendo designadas por várias denominações de cunho pejorativo, verdadeiras agressões a dignidade da pessoa humana, tais como, sapatão, prostitutas, quengas etc. Inclusive a própria criadora deste movimento, sofreu com situação desumana imputada por homens capoeiristas e mestres.

O primeiro encontro é relevante e paradigmático para história das mulheres capoeiristas paraense, pelo fato de trazerem para a grande roda, discussões de temáticas importantes para a formação dos capoeiristas, além das questões relativos a própria prática da capoeira, questões de gênero voltados para a mulher, política e a mulher na cultura cabana, temática pertinente pois estavam sendo realizados os encontros, dentro da programação da Semana de História e Cultura Cabana, realizada pela PMB. Outro ponto importante foi a participação e contribuição de estudiosos acadêmicos e não capoeiristas, para tratar de temáticas importantes para capoeira e as mulheres; a formação para o empoderamento das mulheres através de oficinas e treinos de capoeira para domínio sobre dos instrumentos musicais, entre estes o instrumento que comanda a roda, o berimbau e como consequência a realização da “Orquestra de Berimbaus” compostas por mulheres para apresentação em Praça Pública para toda cidade. Assim como, para realização de rodas de capoeira no encerramento do encontro de mulheres no mesmo dia e local da comemoração do 378º aniversário da cidade de Belém, acontecimento com ampla repercussão em todas as mídias e no meio da capoeira, pois fez parte da extensa programação da prefeitura, “fechando o cartão postal da cidade Ver-o-Peso”, com a realização de várias Rodas de Capoeira na avenida, comandada por mulheres e com a participação dos homens. A bateria de capoeira foi localizada no alto de carros som, tal como afirma Gisele Tsunami “eram várias rodas...você olhava do alto e era só capoeira.”

Porém, entre o segundo e o terceiro encontro, a mulher que fechou o Ver-o-Peso, partiu e o seu legado ficou como diz o texto de Margarida afirma, “E pra jogar lá no céu/Nosso senhor já lhe chamou/Camaradinha.” “[...] Silvia Leão/Ela é Mestra Pé de Anjo/Mora no meu coração. Na angola ou regional /Ela mostrou o seu valor”. Não há como não acreditar que ela se transformou numa ancestral paraense da capoeira. E sem querer a negra atriz, dançarina e capoeirista continua inspirando mulheres e homens capoeiristas que reconhecem a sua importância para a capoeira.

Após, este acontecimento que ainda emociona, as mulheres foram desafiadas

a continuar, mesmo com muitas divergências internas e consequentes afastamentos, adesão de outras mulheres e como é movimento, novos aprendizados, direcionamentos e reestruturações estão sempre acontecendo. Gisele Tsunami enfatiza, as mulheres se apropriaram dos próprios fundamentos da capoeira como instrumento de luta e afirma que se nos desrespeitarem estão desrespeitando os fundamentos da capoeira.

Contudo, um dos grandes atos de transgressão, aconteceu em 2016 a partir da participação e protagonismo de mulheres que compõe o Comitê Gestor da Salvaguarda Capoeira no Pará -IPHAN/PA, ao argumenta e questiona o fato dos eventos apenas contemplarem os homens, afirmando que desta vez teriam que trazer uma Mestre de Capoeira para uma *ação denominada* “Conversa Pai d`égua” – que é um projeto dentro da área de educação patrimonial do IPHAN, que veem acontecendo desde o ano de 2011.

A seguir apresentamos no texto copilado com poucas alterações, de um artigo anterior, por entender desnecessário reescrever a mesma história comunicada no II SIALAT - Seminário Internacional América Latina: Políticas e Conflitos Contemporâneos realizado em novembro de 2017.

BREVE REFLEXÃO SOBRE DOCUMENTOS OFICIAIS QUE SUBSIDIAM A SALVAGUARDA CAPOEIRA

Ao analisar a elaboração textual dos documentos oficiais que subsidiam os planos de salvaguarda capoeira, percebe-se que as diferenças de gênero não são reconhecidas. A linguagem é sexista reafirmando e demarcando o lugar do homem no contexto da capoeira ao se referir no masculino – ao mestre, ao professor, ao aluno. Com isso, as mulheres seguem invisibilizadas no texto, o que não se justifica, mediante a presença expressiva de mulheres inseridas na prática da capoeira na condição de mestras de capoeira, professoras e alunas de capoeira em atuação em todo o país. Ainda que, o quantitativo de mulheres como Mestras não seja na mesma proporção que com os Mestres, as mulheres representam uma força de trabalho importante na capoeira, portanto, uma realidade que não pode mais permanecer na invisibilidade nas construções textuais oficiais dos planos de salvaguarda.

Enquanto pesquisadora da temática, essa sempre foi uma luta dentro do Comitê Gestor, pois consideramos contraditório implementar ações voltadas para capoeira, negando e ocultando a história e seus sujeitos, igualando a todos sem o reconhecimento das diferentes identidades existentes nas rodas de capoeira. Neste sentido, Paulo Freire (1992) alerta que é preciso fugir da armadilha que a linguagem coloca, como a justificativa que afirma, que ao se referir ao homem, a mulher está incluída. O autor afirma, estamos diante, portanto, da naturalização da violência simbólica de dominação masculina sobre a mulher, com o discurso machista. Segundo Gonçalves e Silva (2006) no Brasil, os sujeitos das políticas

públicas foram sempre definidos por categorias que não faziam qualquer distinção de gênero ou de raça e são sempre designados em termos genéricos e faz o seguinte questionamento: seria possível pensar políticas públicas em consonância com os problemas étnicos da sociedade?

Neste sentido, a superação deste discurso colonial, sexista e machista considero como uma vitória fundamental na elaboração plano de salvaguarda paraense, onde tenho contribuído com intervenções nos debates junto com outras mulheres e representantes do MCM. As mulheres capoeiristas paraenses têm uma participação ativa nos grupos e nos seus polos ou núcleos, onde ensinam capoeira. Diante disso, é impossível não as considerar como detentoras de saberes, que certamente, devem se sentir incluídas nas políticas públicas a fim de garantir à todas os mesmos benefícios destinados aos homens.

Fato que também, possibilitou a denúncia e a exigência de posicionamento do Comitê Gestor perante a situação, onde um mestre de capoeira local, em comunidades virtuais divulgou áudio seu, ameaçando a integridade física, moral e psicológica afirmando que iria “quebrar na roda” uma mulher capoeirista paraense. Na ocasião o referido comitê publicizou em suas redes sociais nota solicitando retração pública do referido mestre. Fato que certamente, repercutiu no meio da capoeira e cerca de 24 horas o mestre se pronuncia divulgando sua retratação, o que não diminuiu a gravidade da atitude misógina do mestre, que poderia se poderia ser caracterizada como crime previsto no código penal.

CONVERSA PAI D'ÉGUA E AS MULHERES NO COMITÊ GESTOR DA SALVAGUARDA CAPOEIRA NO PARÁ

Se a conversa é Pai d'égua tem que ter mulher na mesa sim! Desta forma também, demos o “pulo do gato” e que eu passo para o feminino e digo - o “pulo da gata”, movimento surpresa que a mestra (e) não ensina para ninguém, cada capoeiristas desenvolve o seu. E com isso, conquistamos a realização de uma mesa composta só por mulheres capoeiristas com a presença de uma Mestre de Capoeira na mesa. Tudo decidido coletivamente com e na presença dos mestres em reunião do Comitê Gestor.

Desta forma, nasceu a ideia e realização da “Roda de Conversa Patrimônio e Gênero: a mulher na capoeira”, durante o I Colóquio Patrimônio, Gênero e Saberes Tradicionais, foi um evento pensado por mulheres, para mulheres conduzirem na presença dos homens e mulheres. Foi realizado através da parceria entre IPHAN e Associação dos Agentes de Patrimônio da Amazônia-ASAPAM, membro da Rede Casas do Patrimônio – Pará, na comemoração à Semana do Patrimônio Paraense – SPP 2016, tendo como temática Patrimônio Imaterial – concepção, abrangência e valorização, realizado no período 21 a 25 de novembro de 2016, em comemoração

ao Dia do Patrimônio Histórico e Cultural do Estado do Pará que é comemorado em 5 de novembro.

Assim, foi possível atender a demanda das mulheres com uma mesa composta só de mulheres para falar de mulher na capoeira, a saber: Gisele Silva Figueira -Tsunami, (MCM); Andreza Barroso da Silva -Miudinha (Menino é Bom); Jamile Andrade - Pretta (Berimbau Brasil), Maria Zeneide Gomes da Silva(COPIR-SEDUC-UFPA) e Prof^a Dra. Rosangela Janja Costa Araujo – a Mestre Janja do Instituto Nzinga de Capoeira Angola, historiadora e feminista negra, que compõem o Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher-NEIM-UFBA, expos sobre “O Feminismo Angoleiro? Aspectos da organização das mulheres na capoeira Angola.”

Mestra Janja, após ouvir quatro mulheres “retadíssimas” como disse ela, na ocasião de minha defesa de mestrado em 31 agosto de 2017, com suas falas próprias marcadas pela lembrança/presença de Silvia Pé de Anjo, e pela não existência de uma mestra de capoeira no Estado do Pará. Ocasão que, Mestre Janja nos surpreende, como num “pulo do gato”, então diz, que nós paraenses já tínhamos uma mestra, e esta *já havia estado entre nós e o que faltava era reconhecê-la*. E questiona – Como é que reconhece a pessoa como mestre? Ao que todos responderam que era a comunidade. Então ela lembra, estávamos ali na presença de muitos mestres de capoeira e que ela era uma mestra, e ao mesmo tempo proposta. “Quem aqui reconhece que Silvia Leão – Pé de Anjo é uma Mestre de Capoeira, fique de pé?”

Quase todos se levantaram, menos um mestre.

Com esta ousadia histórica, na presença e com o aval dos mestres e todas(os) presentes no evento, surge a Primeira Mestre de Capoeira do Estado do Pará, num reconhecimento *in memoriam* a capoeirista Maria Silvia Santana Leão - Pé de Anjo, na noite do dia 22 de novembro de 2016, através de um “pulo de gata angoleira.”

Com este acontecimento histórico a responsabilidade aumentou para o MCM que com espírito de guerreiras estão na luta, e com isso o trabalho foi multiplicado, frente ao enfrentamento as incompreensões de forma explícita nas posturas, falas, nos comentários em redes sociais que revelam, sexismo, machismo, misoginia, homofobia, lesfóbismo diante do reconhecimento de Mestre Silvia Leão – Pé de Anjo, a que ousou comprar o jogo, e enfrentar a opressão contra a mulher na capoeira. Revelando o quanto ainda é preciso investir na desconstrução hegemônicas e opressoras contra a mulher, por parte de muitos capoeiristas homens, muitas vezes dos seus próprios mestres e por mulheres capoeiristas.

Diante das evidências a partir desta mudança histórica na capoeira do Pará, não há como discordar do escritor africano ao afirmar - “O sexismo é um fenômeno exclusivamente antimulher.” (MOORE, 2012, p.226). A reação negativa diante a conquista das mulheres, que desafiaram as construções sociais hegemônicas sexistas, machistas e racistas que fazem parte do universo das expressões culturais do povo negro, que segundo Saffiotti(1987), Gonzales(1984) e Carneiro(2003) são usados para legitimar o poder do macho através da opressão, subjugação e exclusão

da mulher nesses espaços culturais populares.

E Para finalizar é interessante destacar que este movimento dentro do Comitê Gestor da salvaguarda, não surgiu a partir da iniciativa de mulheres com um histórico de vitimização, pelo menos aparentemente, tal qual observou bell hooks(2015) ao se referir ao surgimento do feminismo negro nos Estados Unidos. Mas por nós mulheres que percebemos a importância da organização social, como fator importante de luta para romper a hegemonia masculina e os masculinismos tóxicos nas rodas de capoeira. Com isso comprovamos na prática, que ao adentrarmos seja espaços seja institucionais seja o acadêmico ou outro espaço, tal como o IPHAN, o que afirma Arroyo(2014), Spivak(2014), bell hooks(1994), ao nossas experiências de militância, resistência e resiliência entram conosco. Portanto não somos, apenas “objeto da história, mas seus sujeitos igualmente. No mundo da História, da cultura, da política, constato não apenas para me adaptar, mas para mudar” (FREIRE, 1996, p.77), ainda Freire(1996) não podemos estar no mundo para estudar descomprometidamente de forma neutra, sem intervir no mundo do qual somos sujeitos e não meros objetos.

E para concluir como uma freiriana convicta, afirmar que pesquisa para conhecer o que não conheço e comunicar ou anunciar a novidade, e com meu espírito de capoeirista, tal como afirmação de Mestre Curió “que não há capoeira inocente”, eu também não sou inocente, tenho a certeza que a mudança é possível e meu papel no mundo, não é apenas o de quem constata, mas o de quem intervém para mudança nos rumos da história, rejeitando qualquer forma de discriminação. Iê!

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. **O Bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. Tradução de Tadeu Breda. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e Observação participante**. Tradução de José Fonseca. Porto Alegre: Artmed, 2009.

ARROYO, Miguel Gonzáles. **Outros Sujeitos, Outras Pedagogias**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em Movimento**. Estudos Avançados, São Paulo, v.17, n. 49, p. 117-132, set./dez. 2003.

COLLINS, Patricia Hill. **Em direção a uma Nova Visão: raça, classe e gênero como categoria de análise e conexão**. In: MORENO, Renata (Org.). Reflexões e práticas de transformação feminista. São Paulo: SOF, 2015. p. 13-42. (Cadernos Sempreviva)

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança – Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. 14. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

_____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativas**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. **O jogo das diferenças: multiculturalismo e seus contextos**. 4. ed. Belo Horizonte. Autêntica, 2006.

GONZALES, Lélia. **Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira**. Revista Ciências Sociais Hoje, p, 223-144, 1984.

HOOKS, Bell. **Ensinando a Transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

SAFFIOTI, Heleieth. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

OLIVEIRA , Josivaldo Pires de; LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. **Capoeira Identidade e Genero: ensaio sobre a história social da capoeira no Brasil**. Salvador:EDUFBA, 2009.

SILVA, Maria Zeneide Gomes da Silva. **Movimento Capoeira Mulher:saberes ancestrais e a práxis feminista no século XXI em Belém do Pará**. 2017, 180f. Dissertação de Mestrado em Educação e Cultura – Universidade Federal do Pará, PPGEDUC/CAMETÁ, 2017.

_____ **Movimento Capoeira Mulher - Saberes e Feminismo nas Rodas em Belém do Pará**. II SIALAT - Seminário Internacional América Latina: Políticas e Conflitos Contemporâneos realizado em novembro de 2017.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o Subalterno Falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Hohorizonte: Editora UFMG, 2014.

SOBRE A ORGANIZADORA

SOLANGE APARECIDA DE SOUZA MONTEIRO - Doutoranda em Educação Escolar. Mestra em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupungá (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupungá (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo (IFSP/Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: - Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio as Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE), Membro da Equipe de Formação Continuada de Professores. Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, História da Educação Sexual, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-raciais. Participa do Grupo de pesquisa - GESTELD - Grupo de Estudos em Educação, Sexualidade, Tecnologias, Linguagens e Discursos. Membro desde 2018 do Grupo de pesquisa “Núcleo de Estudos da Sexualidade - NUSEX”.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Açude 217, 221

Agroecologia 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45

Amanda Bueno 47, 48, 50, 52, 54, 55, 56

C

Clarice Lispector 87, 88, 97, 98

Comunicação popular 136, 138

Contexto escolar 78, 82

Crítica literária feminista 87, 89, 98

Cuidado 11, 12, 14, 18, 19, 20, 24, 41, 50, 58, 60, 61, 62, 64, 82, 92, 131, 179, 217, 219

Cuidado de enfermagem 58

D

Discursos 1, 2, 3, 4, 5, 7, 9, 16, 17, 50, 87, 103, 111, 113, 114, 117, 132, 133, 134, 168, 172, 183, 209, 227

Diversidade de gênero 100, 101, 102, 103, 105, 108

E

Economia solidária 150, 152, 156, 157, 158, 160

Educação contra hegemônica 195

Empoderamento feminino 58, 61, 151, 160

Enfermagem 12, 15, 20, 58, 60, 61, 62, 63, 64, 137

Enfermagem obstétrica 58, 60, 61, 62

Ervas medicinais 136, 138, 139, 143, 145

Estadão 47, 48, 49, 53, 54

Experiências educacionais 146, 147

F

Feminismo negro 85, 186, 187, 188, 192, 194, 199, 207

H

Humanização do parto 58, 59, 60, 61, 62, 63

I

Identidade 6, 8, 12, 13, 17, 18, 19, 26, 32, 38, 43, 69, 78, 79, 91, 95, 96, 98, 103, 107, 109, 113, 117, 123, 126, 132, 139, 150, 157, 160, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 176, 208, 217, 218, 220, 221, 222, 225

Inclusão social 150, 158

Intelectualidade 186, 188, 192

Interseccionalidade 1, 3, 5, 6, 7, 10, 11, 78, 81, 85, 86, 91, 111, 112, 116, 117, 123

J

Jornalismo 47, 49, 55, 56, 57

L

Lei 19, 20, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 48, 51, 54, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 74, 75, 76, 77, 105, 106, 109, 147, 173, 187, 218, 223

Literatura portuguesa contemporânea 124, 129

M

Medidas protetivas 65, 70, 71, 72, 75, 197

Método canguru 12, 14, 15, 16

Minorias 81, 100, 104, 105, 106, 107, 108

Movimentos sociais do campo 35, 40

Mulher 1, 2, 5, 6, 7, 8, 10, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 48, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 76, 79, 87, 88, 89, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 103, 114, 117, 120, 123, 125, 127, 128, 129, 131, 132, 134, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 158, 160, 161, 163, 164, 167, 168, 169, 170, 171, 173, 176, 177, 181, 183, 184, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 195, 196, 197, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 213, 220, 221, 222, 223, 225

Mulher capoeirista 195, 201, 205

Mulheres 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 50, 51, 52, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 66, 67, 72, 76, 79, 81, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 97, 98, 103, 105, 107, 113, 114, 116, 117, 119, 122, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 165, 167, 171, 172, 175, 176, 177, 178, 180, 183, 184, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 209, 210, 213, 215, 216, 217, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225

Mulheres dependentes químicas 146, 148

Mulher-trabalho 35

O

Organização feminina produtiva 150

Organização social 17, 40, 166, 207, 209

P

Parceria 156, 158, 164, 195, 202, 205, 209, 211, 213, 216, 220, 223

Pescadoras artesanais 217, 219, 225

Políticas afirmativas 100, 101, 102, 104, 105, 106, 108

Práticas pedagógicas 146, 147, 148

Prematuridade 12, 14, 19

Protagonismo feminino 35, 62, 63

R

Representação 47, 51, 54, 56, 89, 91, 92, 111, 116, 119, 122, 125, 167, 169, 198, 211, 212, 219, 220, 221, 225

Resistência 38, 89, 90, 94, 130, 139, 170, 179, 183, 187, 190, 192, 193, 195, 199, 200, 203, 207, 219, 223, 225

Roda capoeira 195, 200

S

Sertão 136, 144, 217, 220, 221

Solidão 96, 124, 187, 190

T

Tradição 89, 90, 124, 129, 134, 196, 197

Transexualidade 163, 164, 165, 168, 169, 172, 174

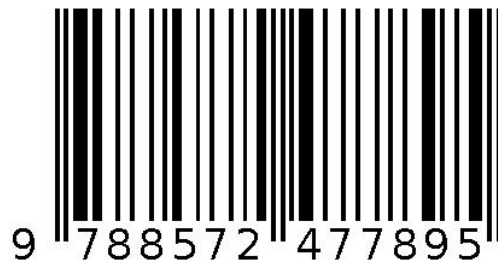
V

Violência 4, 6, 11, 19, 20, 32, 43, 47, 48, 50, 51, 52, 54, 55, 56, 57, 62, 63, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 76, 77, 94, 108, 141, 164, 170, 172, 187, 190, 191, 193, 200, 201, 204, 213, 225

Violência contra a mulher 47, 48, 50, 51, 52, 55, 56, 57, 69, 76, 200

Volatilidade 124, 125, 126, 134

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-789-5



9 788572 477895